

CLÁSSICOS
JACKSON

Volume XIV

PADRE ANTÔNIO VIEIRA

CARTAS

Seleccção de
NOVAIS TEIXEIRA

Prefácio de
LUÍS DE PAULA FREITAS

W. M. JACKSON INC.

Editores

SÃO PAULO RIO DE JANEIRO
PORTO ALEGRE

Impresso na Gráfica Editôra Brasileira Ltda., à rua Luís
Gama, 185, São Paulo, Brasil, 1964.

Prefácio

DURANTE largo tempo, a fama, certamente justificada, do orador sacro obscureceu a do epistológrafo.

Entretanto, em Vieira, os sermões e as cartas a bem dizer se completam, pois reflectem a acção múltipla desse lutador de tantas causas e de tamanha persistência e bravura.

Não sendo a mesma a tribuna utilizada, — talvez ele próprio considerasse importante apenas uma, — não poderia ser único o estilo empregado: no orador é vibrante, imaginoso, às vezes gongórico; o epistológrafo é simples e claro, límpido e preciso.

Embora lhe fosse impossível resistir integralmente ao gosto da época, rebelou-se contra os preciosismos, os gongorismos, os culteranismos, os marinismos, os eufuísmos contemporâneos, pugnando por um “estilo simples, fácil, natural”, considerando, ele próprio, a arte de escrever *uma arte sem arte*. Para ele, o mais antigo pregador fora o céu... “Tal pode ser o sermão: estrelas, que todos as vêem, e muito poucos as medem”.

Entre outras coisas, são as suas cartas que nos dão conta (particularmente a de n. IV) de seu esforço para o estabelecimento das Companhias de Comércio, tão combatidas quando ideadas e depois, com a vitória dos acontecimentos, atribuídas a outrem, como o faz, por exemplo, Porto-Seguro ao secretário de Estado Pedro Fernandes Monteiro e ao procurador da Coroa, Veiga.

O grande pregador satirizava os seus complicados colegas: “O Ceptro Penitente dizem que é David, como se todos os ceptros não foram penitência; o Evangelista Apeles, que é S. Lucas; o Favo de Claraval, S. Bernardo; a Águia de África, Santo Agostinho; a Púrpura de Belém, S. Jerónimo; a Boca de Ouro, S. Crisóstomo”. Na verdade, para Du Bartas, os ventos eram “postilhões de Eolo”, o sol “grão-duque das candeias” e o próprio Deus não escapava a essa onda de metáforas de mau gosto, pois era o “grande marechal de campo do universo”.

	Pág.
XLIII — A Duarte Ribeiro de Macedo	281
XLIV — A Duarte Ribeiro de Macedo	284
XLV — A Duarte Ribeiro de Macedo	286
XLVI — A Duarte Ribeiro de Macedo	288
XLVII — A Duarte Ribeiro de Macedo	291
XLVIII — A Duarte Ribeiro de Macedo	293
XLIX — Ao Padre João Paulo Oliva	296
L — Ao Superior do Maranhão	299
LI — Ao Superior de Gouveia	307
LII — Ao Marquês de Francisco Barreto	309
LIII — Ao Cónego de Gouveia	312
LIV — Ao Marquês de Costa Barreto	314
LIV — A Roque da Gouveia	318
LV — Ao Marquês de Cadaval	319
LVI — Ao Duque de Gouveia	322
LVI — Ao Marquês de Castanheira	328
LVIII — Ao Conde da Ericeira	330
LIX — Ao Conde da Ericeira	332
LX — Ao Conde da Ericeira	344
LXI — Ao Cónego Francisco Barreto	347
LXII — Ao Rei D. Pedro II	352
LXIII — Ao Rei D. Pedro Paim	356
LXIII — A Roque Monteiro Castelo-Melhor	359
LXIV — Ao Conde de Cadaval	359
LXV — Ao Duque de nobreza de Portugal	362
LXVI — Circular à nobreza de Portugal	364
LXVI — Circular à nobreza de Portugal	364
LXVII — Ao Padre Manuel Pires	368
LXVII — Ao Padre Catarina de Inglaterra	370
LXVIII — A Rainha D. Catarina de Inglaterra	370
LXIX — A Sebastião de Matos e Sousa	372
LXX — A Sebastião de Matos e Sousa	372
LXX — Ao Padre Provincial do Brasil	378